


Alice

E OUTRAS MULHERES

oficina
r a q u e l



oficina
r a q u e l



Teolinda Gersão

Alice

E OUTRAS MULHERES

© Oficina Raquel, 2020

Editores
Raquel Menezes
Jorge Marques

Organização
Nilma Lacerda

Revisão
Oficina Raquel

Assistente editorial
Yasmim Cardoso

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens
Leandro Collares – Selênia Serviços

Ilustração da capa e fragmentos ao longo do texto
Imagem de S. Hermann & F. Richter por Pixabay.

Este livro não obedece o Novo Acordo Ortográfico por escolha da autora.

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G381a Gersão, Teolinda, 1940-
Alice e outras mulheres / Teolinda Gersão. – Rio
de Janeiro : Oficina Raquel, 2020.
174 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86280-16-6

1. Contos portugueses I. Título.

CDD P869.3
CDU 821.134.3-34

Biblioteca: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



oficina
raquel

www.oficinaraquel.com.br

@oficinaeditora

oficina@oficinaraquel.com

Sumário

Alice e o wicked problem, 7

Nilma Lacerda

Velhas maneiras

As laranjas, 13

Uma orelha, 17

Bilhete de avião para o Brasil, 30

A mulher que prendeu a chuva, 41

Se por acaso ouvires esta mensagem, 47

O meu semelhante, 51

A mulher cabra e a mulher peixe, 58

Maneiras de hoje

A dedicatória, 69

Quatro crianças, dois cães e pássaros, 76

Big Brother Isn't Watching You, 81

Pranto e riso da noiva assassina, 91

Formas em trânsito

O mensageiro, 99

A velha, 110

Um casaco de raposa vermelha, 119

Vizinhas, 124

História mal contada, 130

A terceira mão, 137

Alice in Thunderland, 148

Alice e o wicked problem

Nilma Lacerda

O contemporâneo é terra dadivosa, em que as fronteiras se mostram elásticas, e há disponibilidade dos territórios para conversarem entre si. Retalhos de utopia acenam, generosos, às melhores aspirações humanas. Essas circunstâncias me encorajam a trazer aqui um conceito formulado pelo Design e que encontrará, na complexidade formulada por Edgar Morin, uma das melhores possibilidades de refletir sobre o eixo desta coletânea de Teolinda Gersão: o feminino.

Os *wicked problems* – ou seja, problemas complexos – são questões carregadas de elementos contraditórios, desafiantes às maneiras habituais de pensar. Ao demandar ou admitir várias possibilidades de solução, ou mesmo nenhuma solução, pedem olhar diferenciado, atento a fragilidades e potências. Um problema complexo pode ter, a qualquer momento, redimensionada a resolução obtida, sendo geradas respostas diversas das anteriores. O livro, um objeto perfeitamente inserido no cotidiano, é bom exemplo de um *wicked problem*, como se pode verificar em trabalhos de pesquisadoras brasileiras, cujos estudos se fazem na intersecção do design com a literatura.

Menos mal que seja o livro, a contar com muita simpatia na cultura humana. Há outros que não gozam da mesma regalia. O feminino, por exemplo. Mas avancemos um pouco mais no campo em que nos encontramos. *As aventuras de Alice no país*

das maravilhas – talvez uma das obras mais editadas no mundo, em diferentes formatos, abrigando distintas concepções e sempre contemporâneas – demonstra bem a falta de uma solução final em termos editoriais para o texto de Lewis Carroll. O mesmo com o clássico *Chapeuzinho Vermelho*, revisitado, parodiado, e apresentando em edições mais recentes surpreendentes reviravoltas quanto às concepções e aos papéis dos personagens.

Tomemos então o feminino como problema complexo. Potência de vida nas sociedades originárias, o feminino passa, nas culturas que se seguem, patriarcais e belicosas, à condição de inferioridade e tutela. As mulheres perdem o direito à representação de si; passam a ser faladas pelo masculino, que fala de si mesmo, mas principalmente fala *o feminino*. Sem tomá-lo exatamente como oposto, na medida em que não logra compreendê-lo, traça-o como enigma, a ser controlado mais que desvendado. A submissão, deliberadamente confundida com a proteção devida à cria, é exigida da mulher, por aquilo que se convencionou ser uma precariedade biológica. Por meio de representações habilmente inculcadas no humano, obtidas à custa de apagamentos e usurpações, o feminino enfrenta a inexistência histórica e social.

Uma cultura imposta à Humanidade há milhares de anos, e que sobrevive como ramo vigoroso e sutil na mentalidade contemporânea. Como sacudir essa árvore, abalar seus ramos, se não pela tática errática e certa da narrativa? O feminino vale-se de lentes antigas para se ver, rever e projetar-se adiante.

Teolinda Gersão põe em circulação vozes liberadas ou silenciadas para voltar ao instituído e vislumbrar outras construções. Ouvem-se, então, vozes femininas e masculinas, individuais ou coletivas, antigas ou atuais, profusas ou reticentes, submissas ou insurgentes. À frente de todas, Alice, por que não? Uma Alice, escrita

e ilustrada por tantos que não ela, resolve, por fim, registrar a sua versão da história: “*Vou repor a verdade e contar eu mesma a história, tal como agora a contei, em pensamento*”. Que poder terá, na desconstrução e reconstrução do feminino, essa narrativa, quando enfim se publicar? Que poder teve na História a narrativa de uma menina virgem sobre a revelação do anjo que a arrebatou e falou do filho do Altíssimo a crescer em seu ventre? Quais as consequências de uma história mal contada, na qual só a voz feminina é ouvida? Como recuperar, na velhice, a força das decisões sobre a própria vida? Como dar-se ao gozo, em meio à circunscrição das divisões sociais? Como recuperar a mulher selvagem, vigorosa, em fidelidade à natureza original do feminino, sabida por mitos e histórias ancestrais?

Essas vias deverão passar pela desconstrução de estereótipos e paradigmas, pela troca do proverbial sacrifício feminino, pilar da construção secular dessas representações, pelo gozo, pela metamorfose, a vingança. Em situações inusitadas ou corriqueiras, a escritora convoca conceitos estabelecidos, de manifestação explícita ou dissimulada, para evidenciar a arquitetura mental de desprezo e subestimação à identidade feminina. Na estrutura específica do conto, o clarão ilumina a cena, flagra silêncios, ardis, estigmas.

No feminino, dorme o mal. A bruxa sabe as palavras e os feitiços, os que curam e os que matam. O que descobre o viajante, após ouvir a história furtiva na suíte de alto luxo, em um hotel de Lisboa? A previsibilidade de que a sentença de culpa cairia, inevitável, sobre a mais inofensiva, a mais desgraçada, a mais inútil e abandonada das criaturas daquela comunidade assolada pela seca? Não carecia da encenação do feiticeiro para saber que aquela cujo marido a deixara, cujo filho a ela morrerá, deveria ser a sacrificada para que a água voltasse a fecundar a vida. Mas, ouvida a história, o viajante

sabe que, em Lisboa, “*estava um pedaço de África, intacto, como um pedaço de floresta virgem. Durante sete minutos, exactamente durante sete minutos, fiquei perdido dentro da floresta*”. Floresta na qual o desconhecido (femininas feras?) pode agarrá-lo, aprisioná-lo na rede de suas histórias, ou presas recém-descobertas.

Perdido na floresta insuspeita, perdidos leitores, perdidas leitoras, na fragilidade e potência do feminino, tão próximo e tão estrangeiro, em entrega a reconfigurações oportunas, algumas já definidas, outras ainda em trânsito, mesmo se formuladas há muito tempo. Não foi impotente o feminino, todo esse tempo. Nem sempre se perdeu em florestas, e ao mergulhar em túneis amalhava experiências a fundar táticas vindouras. Assim, o feminino andou em busca de caminhos, tal como os objetos complexos que há século e meio narram Alice. Apontar formas pelas quais o feminino tem sido falado pode ser o melhor trajeto para alcançar uma partilha generosa, em que feminino, masculino e outras realidades falem de si próprios com autonomia e desejo.

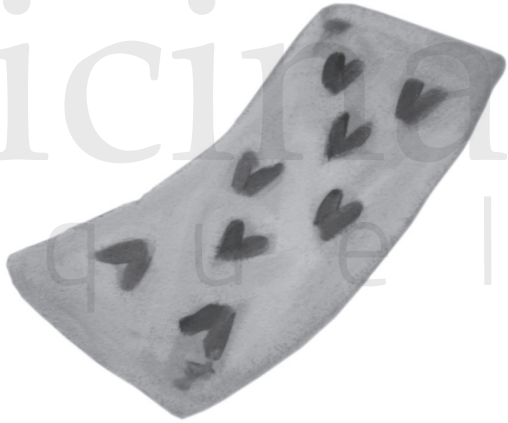
Sem formular respostas, a autora evidencia “Formas em trânsito”, arranjos possíveis para a circulação de novas falas, postas em tensão com as maneiras formatadas nas reconhecíveis “Velhas maneiras”, prolongadas em inevitáveis “Maneiras de hoje”, a ostentar no cadeado dourado o mesmo brilho falso. Em ariscas narrativas, Teolinda Gersão põe em cena a mulher como sujeito. Da magistral obra *Os Anjos* ao romance publicado pela Oficina Raquel, *A Cidade de Ulisses*, esta autora corajosa e sensível perpassa personagens e História, linguagem e estruturas, para dar a ler as singularidades que puder abarcar.

Alice e outras mulheres, mas não só. Tantas mulheres, outras mulheres, tu, eu, nós a falar o que somos e fazemos. Aquilo que afagamos com as mãos, mordemos com todos os dentes.



Velhas maneiras

oficinas
para quem





oficina
r a q u e l

As laranjas

Muitas mulheres se apaixonaram pelo pai, mas ele não quis saber delas. Apaixonou-se pela mãe, casou com ela e as outras mulheres deixaram de existir.

Que o casamento não tivesse dado certo – mas isso só se tornou visível mais tarde – foi uma ironia da vida. Mas já se sabe que a vida está cheia de ironias e se diverte a pregar partidas, à traição, não pode a gente fiar-se nela.

Na galeria das apaixonadas havia uma de quem às vezes se falava. Melhor dizendo, de quem a mãe falava, para dar às filhas um exemplo a não seguir. De acordo com a história, essa namorada era oferecida e descarada: o pai queria beijá-la e outras coisas e ela deixava, se quisesse levá-la para a cama e engravidá-la, ela teria ido sem mais aquelas.

Tamanhas facilidades assustaram o pai, que rapidamente se pôs ao fresco. Se ela era assim com ele, seria assim com todos, e quem lhe garantia que não lhos ia pôr na primeira ocasião, logo ali ao virar da esquina?

Mas com ele não, ora essa. Mulher séria era outra coisa.

Esses mesmos ensinamentos tinha certamente a avó transmitido à mãe, que se fingia desinteressada e esquiva, para sossego do pai, que a levou ao altar virgem como nascera. O pior (mas isso só se viu depois) é que, com tanto se fingir desinteressada, o desinteresse da mãe acabou por se tornar real. Apesar de os filhos (aliás as filhas)

irem nascendo e crescendo, e a certa altura serem seis pessoas em volta da mesa de jantar.

Havia ainda outro pormenor, na história da namorada: era filha do patrão que o pai tinha na época, e teria sido para ele o que se chama um ótimo partido. O fim do namoro teve como consequência o pai ser despedido e forçado a procurar emprego, com grande dificuldade, noutro lado.

Mas esse foi um mal menor. Empregos sempre ia havendo, mulheres sérias é que eram raras. Por isso, aparentemente, o pai dava tanto valor à mãe, e a mãe dava tanto valor a si mesma.

Claro que, mais tarde, esta história acabou por surpreender e revoltar as filhas (os tempos tinham mudado, e os costumes). E (achavam elas), estava, com certeza, mal contada. Mas isso só perceberam depois, quando deixaram de ouvir a mãe e começaram a ter opiniões, por conta própria.

Durante muito tempo a história da namorada manteve-se como a mãe contava.

Ainda se mantinha nessa forma quando uma vez, inesperadamente, a namorada irrompeu no quotidiano: esbarrou na rua com o pai, que voltava das compras com a mãe, e se preparava para entrar em casa.

Foi ela a primeira a rir. Fez muita festa, apresentou o marido, que era um homem alto, bem vestido e bonito. Parecia tão contente por vê-los que a mãe se sentiu superior e segura e acabou por convidá-los a entrar. Nessa tarde foram oito pessoas em volta da mesa, tomando vinho do Porto e café e acabando com a provisão de bolos da despensa.

Havia de repente uma efervescência no ar, uma corrente elétrica passava: mistura de alegria e de surpresa, ou prazer apenas, sem mistura. A namorada ria, o pai ria, o marido ria.

A mãe no entanto apenas sorria, e arrependia-se de os ter deixado entrar. Parecia agora apagada e pequena, num dos lados da mesa, enquanto a namorada enchia a sala com a sua presença e o seu perfume, a sua roupa cara (em que só agora reparava), as suas pulseiras brilhantes, os seus brincos e colares, o seu casaco de peles (que ficara pendurado na entrada), as suas histórias de viverem em Lisboa (portanto longe, tranquilizou-se a mãe), de terem uma quinta ali perto, aonde iam pouco, mas de onde voltavam precisamente agora.

Onde tinham plantado laranjais, disse o marido.

Faziam questão que provassem as laranjas, disse a namorada. Ia mandar-lhes um cabaz, nesse mesmo dia. Celebrando aquele encontro inesperado.

Depois de tantos anos, disse o pai.

O ar continuava eléctrico, a cada momento as filhas esperavam que alguma coisa explodisse.

São lindas, as vossas filhas, disse a namorada.

Eles tinham um rapaz, disse o marido.

Mas não pareciam lamentar terem só um, pensaram as filhas. Guardavam tempo para si mesmos, para Lisboa, as quintas, as viagens de que falavam agora, enquanto a mãe parecia cada vez mais magra e pálida, do outro lado da mesa.

O ar continuou eléctrico ainda depois de a namorada se ir embora, levando as suas jóias e o seu casaco de peles, o seu marido e o seu riso, a sua exuberância e o seu perfume. E a temperatura emocional tornou a subir quando duas horas mais tarde alguém veio entregar o cabaz de laranjas. Como se a namorada tivesse voltado a encher a sala.

De novo as filhas pensaram que alguma coisa ia acontecer. Mas nada aconteceu.

Apenas dessa única vez a namorada irrompeu por um instante no cotidiano com a sua presença fulgurante – e desapareceu. Não teve nenhuma relação com a separação dos pais, anos depois. Entrou e saiu da vida deles como um relâmpago, e foi tudo.

Nada aconteceu depois disso, para além de comerem as laranjas.



Uma orelha

Não, não desligue. Por favor. Quero dizer: sei que você não vai desligar, pelo menos assim, sem mais nem menos, de repente. Desculpe. Não sei o que me passou pela cabeça, porque você nem falou em desligar. É que às vezes assusto-me, porque já tem acontecido eu estar embalada na conversa e de repente dizerem-me que estou a ocupar a linha há mais de uma hora e há outras pessoas à espera.

Não sei se você me disse isto, de outras vezes. Claro que não é sempre a mesma pessoa que atende, nem podia ser, dia e noite, sempre a mesma. Eu sei. Até porque as vozes mudam, são de homem ou mulher, mais jovens ou menos jovens. Tenho falado com muitos de vocês, provavelmente com todos. Já não devem suportar ouvir-me.

Nunca falei consigo? De verdade? Então é porque você entrou há pouco. Pois a sua voz não me estava a parecer familiar, mas às vezes é difícil distinguir. Embora algumas pessoas até me digam um nome, para podermos identificar-nos de algum modo, Carlos, João, Maria. Mas tanto faz, sei que são nomes inventados, este serviço é suposto ser anónimo. Pelo menos para vocês. Mas eu, pelo contrário, posso dizer-lhe o meu nome, o verdadeiro. Ninguém me impede. O meu nome é Isaura.

Ainda bem que nunca falei consigo, sinto-me menos culpada se você nunca me ouviu, assim tenho a sensação de abusar menos da paciência dos outros. Deve ser terrível ouvir, vezes sem conta, as mesmas pessoas, repetindo as mesmas coisas.

Mas eu não posso calar-me, tenho de falar, entende? O telefone é quase uma presença, embora eu preferisse falar com uma pessoa, cara a cara. Não estar assim sozinha em casa, pela noite adiante, a falar para um buraco, preso a um fio, que, muito longe, está ligado a alguém. A uma orelha – que, provavelmente, a certa altura fica meio adormecida e cansada.

Imagino que você, tal como eu, muda de vez em quando o auscultador de uma orelha para a outra. Falar ao telefone é muito fatigante. Para mim também, acredite, embora eu entre em pânico só de pensar que provavelmente já falei demais e vamos ter de desligar. Por favor não faça isso comigo. Por favor. Ao menos hoje, atendendo a que nunca me ouviu. Posso propor-lhe uma coisa? Desta vez não tenho limite de tempo. Só desta vez. Quando tornarmos a falar, você recorda-me da conversa de hoje e interrompe quando quiser. Pode ser? Nem imagina quanto lhe agradeço.

Sabe, é que às vezes distraio-me, não tenho bem a noção do tempo, e é terrível ter de parar, quando me apetecia tanto falar mais. A gente só tem uma vida, e portanto só tem uma história. Quando se precisa de contá-la, é porque ela tem um erro, em qualquer parte. Se estivesse certa, a gente só a vivia, e nem dela falava. Quando a gente a conta, é porque está errada. Quanto mais errada, mais falamos dela. O que é absurdo, claro, porque não se pode emendá-la.

Quando uma conta dá errada, a gente torna a fazê-la até achar o erro. E então dá certo. Mas na vida não se pode repetir, nem voltar atrás.

Embora eu talvez esteja a procurar onde errei, ao falar consigo. Mas não sei se o erro foi meu. Talvez nem tenha sido, o que não deixa de ser curioso.

Penso muito em contas, porque eu dava lições de Matemática. Deve ser deformação profissional. Embora já há muitos anos não

esteja ao serviço, deixei de trabalhar porque fiquei doente. A princípio não dei por isso, não sabia que estava doente. Depois foi tudo piorando.

Não sei se fui eu que adoeci, se foram as coisas em volta que me puseram doente. Na verdade penso que foram as coisas e as pessoas em volta. É por isso que tudo se tornou tão complicado na minha cabeça.

Julgo que poderia ter evitado o pior, se tivesse tido força de me afastar. Ou de afastar os outros, e ficar sozinha. Mas a gente tem sempre muito medo de ficar sozinha, não é verdade? Provavelmente este é o pior dos medos, embora esteja longe de ser a pior das coisas. Há situações muito piores do que ficar sozinho. Mas isso na altura eu não sabia. Ou não acreditava.

Tinha trinta e seis anos, dava aulas num liceu e explicações em casa. Foi quando me apareceu um explicando quinze anos mais novo do que eu. O Joaquim. A princípio não liguei, tratei-o como aos outros, matéria em dia, exercícios feitos, dúvidas tiradas, outros exercícios para fazer em casa.

No início nem sequer tive curiosidade em saber por que razão ele se atrasara tanto. Mas logo descobri que era inteligente e fiquei a saber a sua história: tinha andado a trabalhar vários anos até juntar dinheiro para tirar um curso. Ou era pelo menos essa a ideia, embora ele trabalhasse e estudasse alternadamente, por etapas.

Simpatizei com ele e ajudei-o o mais que pude. Ultrapassava o tempo da lição, emprestava-lhe livros. De começo livros de Matemática, depois outros, contos, poemas, ele interessava-se por tudo. Ou parecia interessar-se. Vinha de um meio muito pobre, mas queria subir na vida, o que me parecia uma ambição legítima. Eu podia ajudá-lo – eu tinha sido privilegiada, não sabia o que era estudar e

trabalhar. Em confronto com a dele, a minha vida era confortável. Tinha um ordenado fixo, um carro novo, era dona do andar em que vivia e herdara além disso alguns bens.

Não dei conta de que, disfarçada com a boa acção de ajudá-lo, eu alimentava uma paixão pelo rapaz.

Emocionalmente, estava sozinha. Tinha perdido os pais nos últimos três anos e o namoro com um colega terminara no último ano da Faculdade. Estava portanto disponível, e as coisas aconteceram naturalmente, envolvemo-nos numa relação que parecia satisfazer a ambos.

Casámos e fui feliz, durante algum tempo. Sim, posso dizer isso. Não me importava a diferença de idade, nem a diferença do meio social, embora não me agradasse a família dele, nem me sentisse integrada no grupo dos seus amigos. Nem ele se integrasse no grupo dos meus. No entanto vivíamos bem um com o outro e profissionalmente ele singrou depressa. Ajudei-o enquanto pude, depois ele enveredou pela Informática e conseguiu um emprego bem remunerado. Nessa noite festejámos no melhor restaurante da cidade. Tínhamos conseguido a primeira etapa do que queríamos, agora o tempo iria fazendo o resto, limando as diferenças entre nós.

Pelo menos era o que eu pensava. Mas pouco depois soube a verdade: ele tinha uma relação com outra mulher, da idade dele. Provavelmente, já a namorava quando me conheceu. Eu tinha sido um degrau no caminho, um meio de subir mais depressa. Mas era da outra que ele gostava.

Como é que eu soube? Encontrei cartas, fotografias. Mas estou como você, custava-me a acreditar na evidência. Pus um detetive atrás dele, gastei uma fortuna, e o resultado foi concludente: coincidia com o que eu pensava. Era como se ele se hospedasse em